

HETERARQUIAS E "GOVERNANÇA FILANTRÓPICA" GLOBAL NA INGLATERRA: IMPLICAÇÕES E CONTROVÉRSIAS PARA O CONTROLE SOCIAL DAS POLÍTICAS SOCIAIS

Heterarchies and "philanthropic governance" global: controversies and implications for social control of social policies

Hétérarchies et "gouvernance philanthropique" mondiale: implications et controverses pour le contrôle démocratique des politiques publiques.

Antonio Olmedo¹

University of London

Tradução: Lúcia Riberio Ca - USA

Resumo: Este artigo aprofunda reflexões sobre o processo de "governança filantrópica", mediante análises sobre a estrutura e as práticas de organizações filantrópicas, seus discursos, conexões, influências ideológicas e agendas para a mudança. Os delineamentos metodológicos da pesquisa são referenciados na "etnografia da rede", uma nova abordagem que combina ferramentas da *Social Network Analysis* (SNA) com métodos etnográficos tradicionais. Os dados evidenciam processos de materialização de um "novo regime de governança global" onde os discursos em torno da educação e do desenvolvimento têm o efeito de tornar populações economicamente úteis e politicamente dóceis em relação aos interesses globais dominantes. Apesar de sua aparente novidade, as motivações e atividades dos novos filantropos não diferem, em essência, das antigas formas do imperialismo cultural.

Palavras-chave: Políticas de educação. Filantropia. Redes. Heterarquia. Neoliberalismo

Heterarchies and "philanthropic governance" global: controversies and implications for social control of social policies

This article deepens considerations on the "philanthropic governance" process in England, through analysis on the structure and practices of philanthropic organizations, their discourse, connections, ideological influences, and agenda for change. The research's methodological outline is referenced in the "ethnography network," a new approach which combines the Social Network Analysis (SNA) tools with traditional ethnographic methods. The data reveal processes of materialization of a "new global

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Granada, Espanha. Professor do Instituto de Educação da Universidade de Londres – UK. E-mail: ono.olmedo@gmail.com

governance regime” where the discourse around education and development have the effect of turning populations economically useful and politically tame to the dominant global interests. Despite of the apparent novelty, the motivations and activities of the new philanthropists are not in essence different from the old forms of “cultural imperialism.”

Hétérarchies et “gouvernance philanthropique” mondiale: implications et controverses pour le contrôle démocratique des politiques publiques.

Cet article approfondit les réflexions sur le processus de « gouvernance philanthropique » au moyen d’analyses sur la structure et les pratiques d’organisations philanthropiques, leurs discours, influences idéologiques et agendas politiques. Les contours méthodologiques de cette recherche se fondent sur l’« ethnographie du réseau », une nouvelle approche combinant les outils de la *Social Network Analysis* (S.N.A.) et des méthodes ethnographiques traditionnelles. Nos données mettent en évidence des processus de matérialisation d’un « nouveau régime de gouvernance mondiale » où les discours sur l’éducation et le développement ont pour but de rendre des populations économiquement utiles et politiquement dociles envers les intérêts mondiaux dominants. Malgré leur apparente nouveauté, les motivations et les activités des nouveaux philanthropes ne diffèrent que peu, dans leur essence, des anciennes formes d’« impérialisme culturel ».

Durante a última década do século 20, o surgimento de um novo grupo de atores políticos serviu como catalisador e força motriz para a mudanças políticas paradigmáticas. Novos filantropos de novos empreendimentos de risco, empreendedores sociais e defensores de políticas neoliberais, entre outros atores na arena política, juntamente com as novas formas em que eles configuram e executam suas agendas políticas, tem trazido mudanças importantes para a forma como a política de educação é promulgada. Essas mudanças também têm implicações sobre a maneira pela qual a análise das políticas e, conseqüentemente, os métodos de investigação política são compreendidos. Em especial, será necessário ter em conta, por um lado, os "códigos de operação e racionalidades" desses atores e, por outro lado, "as diversas interdependências substantivas, sociais, e espaço-temporais "em que sua ação é inscrita". Como sugerido abaixo, o novo cenário político é constituído por uma densa rede de interconexões e alianças novas e renovadas, que operam através da utilização de "diferentes meios simbólicos de comunicação como o dinheiro, lei, ou conhecimento" (Jessop 2002, 228).

Este trabalho avança algumas das ideias esboçadas em trabalhos anteriores e desenvolve o que foi denominado antes como "governança filantrópica" (Ball e Olmedo 2012). Centra-se sobre a estrutura e as práticas de um conjunto de novos indivíduos e organizações filantrópicas e analisa seus discursos, conexões, influências ideológicas, e agendas para a mudança. Também reflete sobre as novas formas através das quais a atividade filantrópica tem ganhado uma dimensão política cada vez mais importante, tornando-se uma variável explicativa central nas mudanças recentes, e novas iniciativas nas agendas políticas nacionais e internacionais. Argumenta-se que a pesquisa e análise política precisam observar os princípios, novas funções, e estruturas políticas através dos quais esses conjuntos filantrópicos estão operando. Suas agendas políticas e econômicas têm sido, com poucas exceções, subestimadas (Frumkin, 2006), particularmente no campo da política da educação. Ironicamente, muito já tem sido escrito na mídia popular sobre as atividades de um novo grupo de super-ricos (e não tão super) e suas fundações, fundos fiduciários, e instituições beneficentes que estão empenhados em encontrar e financiar soluções para os problemas do mundo. Uma simples busca na *Internet* revela um grande número de referências, artigos de jornais, *blogs*, comentários, etc onde estes são geralmente apresentados como empresários generosos e desinteressados, que agora estão dispostos a retornar o que aprenderam (e ganharam) ao longo de suas carreiras bem-sucedidas. No entanto, como as seguintes seções discutem, o carácter supostamente "beneficente" e abundante de suas atividades poderia levar à conclusões ingênuas e acríicas sobre o seu papel e impacto na esfera pública.

A análise retratada aqui é parte de uma agenda de pesquisa mais ampla que visa entender e explicar como o neoliberalismo "é feito na prática," isto é, descompactar os mecanismos pelos quais os discursos e racionalidades neoliberais tomam forma e transformam nossas vidas cotidianas e experiências. Como Ball (2012, 5) sugere, tal abordagem está necessariamente situada dentro de "um conjunto amplo de mudanças epistemológicas e ontológicas através da ciência política, sociologia, e geografia social que envolve uma diminuição do interesse em estruturas sociais, e uma ênfase crescente sobre fluxos e mobilidades". Tal programa de pesquisa também destaca a nova configuração da vida social, que se tornou cada vez mais "conectada" (Urry, 2003). Na verdade, a rede tem tornado-se "a unidade fundamental de análise para a nossa compreensão da economia global" (Dickens et al. 2001, 89). É importante observar neste ponto que aqui o termo "rede" é entendido em um sentido duplo: por um lado, considera-se apenas como um método, isto é "uma técnica

analítica para olhar a estrutura de comunidades de políticas e suas relações sociais" e, por outro lado, e ao mesmo tempo, rede é vista como um dispositivo conceitual que é "usado para representar um conjunto de 'mudanças reais' nas formas de governança de educação, tanto em nível nacional como em nível global" (Ball 2012, 6).

Metodologicamente, o delineamento de pesquisa apresentado neste trabalho é necessariamente aberto e flexível, e explora as possibilidades que Howard (2002) chama de "etnografia da rede", uma nova abordagem que combina ferramentas da *Social Network Analysis*¹ (SNA) com métodos etnográficos mais tradicionais. Como ele sugere, "enquanto análise de redes sociais apresenta um esboço abrangente de interação, isto deixa de capturar detalhes sobre relações incomensuráveis ainda que significativas" (Howard 2002, 550). Complementando as ferramentas da SNA com o uso de enfoque qualitativo aborda essa limitação, e assim "adiciona um a consciência de contexto que auxilia a interpretação de mapas de rede e medidas; eles acrescentam uma apreciação da percepção *de dentro da rede*, e uma valorização do conteúdo *de laços* em termos de qualidade, significado, e mudanças ao correr do tempo"² (Edwards 2010, 24). O desafio é, portanto, a concepção de novas categorias conceituais e métodos que poderiam ajudar-nos a desenvolver uma compreensão mais ampla de tais relações e abordar a dimensão "social" das redes de políticas. Como Dicken et al. (2001, 89) demonstram, "tal metodologia requer que identifiquemos os atores nas redes, suas relações contínuas, e os resultados estruturais dessas relações". Os métodos que foram desenvolvidos através do trabalho do projeto foram pensados e projetados para envolver com esses requisitos e seguiu um curso de três estágios. Inicialmente, uma série de pesquisas extensas na Internet foram conduzidos com o objetivo de identificar os atores envolvidos na arena política emergente. As principais fontes de informação nesta primeira etapa foram portais de instituições, organizações, eventos, artigos de jornais, blogs pessoais e coletivos, vídeos do *YouTube*, *Twitter*, e *Facebook*. Em segundo lugar, as informações obtidas através dessas pesquisas foram usadas para construir e analisar uma variedade de redes³ de políticas e identificar casos significativos, nódulos, e hegemônicos dentro deles. A segunda etapa da pesquisa concentrou-se na seleção de um caso de estudo particular dentro da rede. Finalmente, neste ponto, uma nova interação de pesquisas na Internet e outras entrevistas semi-estruturadas com os principais atores identificados foram conduzidos com o objetivo de gerar uma melhor compreensão do trabalho em rede e os processos de governança em torno dos casos selecionados. Todos os dados recolhidos nesta fase final da pesquisa foram armazenados em

um segundo banco de dados⁴, que forneceu a base para análise posterior do discurso. É importante salientar que o processo de investigação ainda está em curso e já abriu novas linhas de investigação que estão atualmente em exploração pelos membros da equipe de pesquisa. Na verdade, também por sua própria natureza, as redes estão em constante evolução e os bancos de dados são regularmente modificados e atualizados.

Pensar “heterarchicamente”: *Capitalismo Criativo*, a *Big Society* e redes de políticas como enquadramento para a "governança filantrópica global"

Ao invés de uma ruptura abrupta com os modos anteriores de governo, a nova configuração explorada aqui implica, simultaneamente, continuidade e, ao mesmo tempo, novos horizontes e contingências históricas que abrem novas possibilidades para a política e políticas. Essas transformações nas formas existentes de regimes de governamentalidade e poder estão profundamente enraizadas dentro da economia política e filosofia política do neoliberalismo, tem implicações profundas no governo, que Rose (1996) definiu como "democracias liberais avançadas." Em suma, o novo contrato social neoliberal difere das formas mais tradicionais do liberalismo em que, enquanto o último é baseado no princípio de troca, o primeiro é articulado em torno do princípio da concorrência (Foucault 2010). Tal mudança na lógica constitutiva da organização social implica novas formas de relações econômicas, políticas e institucionais, e posteriormente, novas identidades e novas funções para indivíduos e grupos. Mais especificamente, como Rose aponta, essas relações, identidades, e papéis orbitam em torno de três eixos diferentes. O primeiro implica "uma nova relação entre conhecimento e política" (Rose, 1996, 54), que é a partir de agora reescrito em termos de novas "calculabilidades" neoliberais (Foucault 2002, 69), baseado nos princípios imperativos de contabilidade e gestão financeira. Como resultado, a mercantilização, monetarização, e auditoria tornam-se as três principais tecnologias de governo na nova configuração (Ball 2007). O segundo eixo é baseado em "uma nova pluralização de tecnologias ‘sociais’" (Rose, 1996, 56) e nas estratégias de diversificação e descentralização. Estas são parte de uma transformação mais profunda da esfera política em que os processos de “desgovernmentalização do Estado” (Rose, 1996) estão produzindo novas formas de organização política em que os governos já não exercem um controle monopolista sobre as ações do Estado. Estas últimas agora são

compartilhadas e promulgadas por um grupo heterogêneo de atores de diferentes profissões, perfis, e interesses. As novas racionalidades e processos de governo envolvidos nesta segunda mudança são semelhantes ao que Rhodes (1996) captou como "governando sem governo." Por fim, o terceiro eixo produz a especificação de um novo "sujeito de governo" (Rose, 1996, 57), que é um passo do indivíduo como cidadão (na concepção liberal do termo) para o indivíduo como omni-consumidor/cliente, que espera-se que atue em todos os ambientes e circunstâncias de acordo com os princípios da teoria de escolha racional e/ou é seduzido por comportamentos de incentivos econômicos. Liberdade, independência, e autonomia são, portanto, os valores fundamentais do novo sujeito; valores que são sustentados pela lógica de escolha e competição misturadas ao mercado.

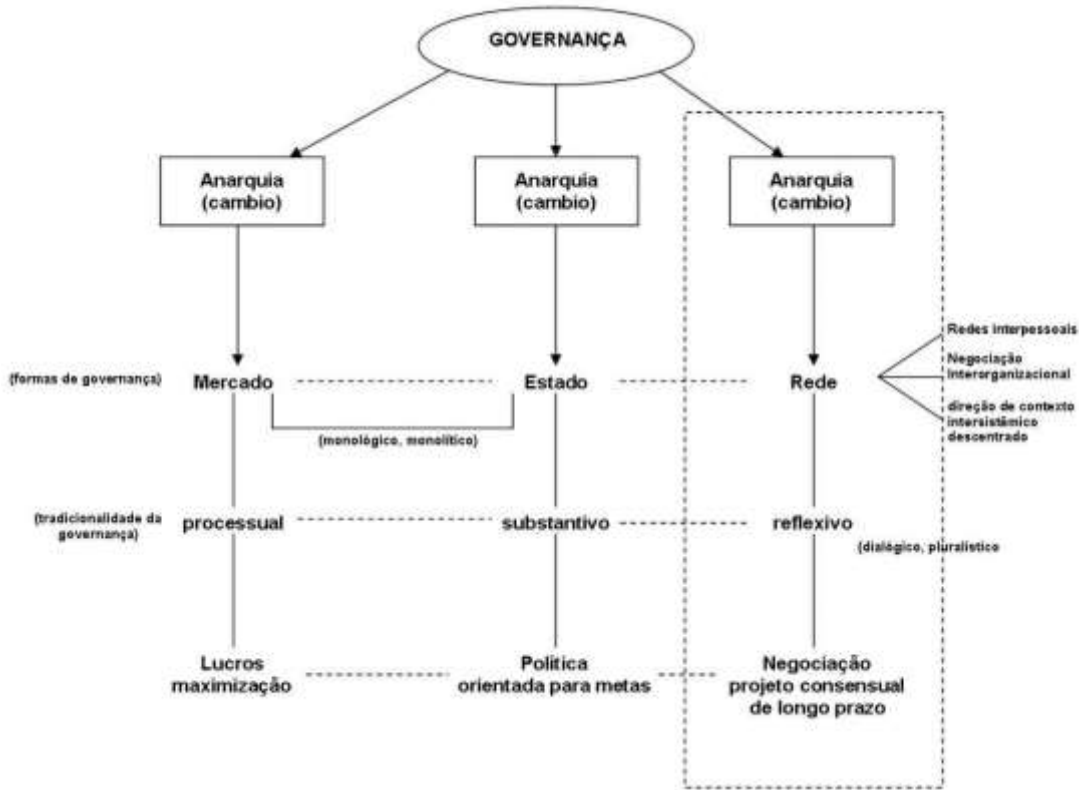
A interação desses três eixos, também está no centro da deslegitimação e desconstrução do Estado de Previdência Keynesiano e a promulgação gradual do que Jessop (2002) chama de Estado de Concorrência Schumpeteriana, que por sua vez implica uma redefinição das fronteiras e os conteúdos do que era tradicionalmente entendido como o campo da política e regulamentações (Ball, 2007). O modelo resultante desloca a aparentemente incompatibilidade entre as formas de coordenação anárquicas (baseada no mercado) e hierárquicas (centradas no Estado) e as substitui com estruturas mais flexíveis (heterarquias) onde as relações, responsabilidades, e processos de tomada de decisões são compartilhadas em diferentes casos por antigos e novos atores (Jessop, 1998). Como dito acima, estes novos "reflexivos, auto-regulatórios, e horizontais" espaços de governança são modelados seguindo a "lógica das relações competitivas de mercado em que vários atores formalmente iguais (que atuam ou que aspiram atuar como fontes de autoridade) consultam, negociam, e competem sobre a implantação de vários instrumentos de autoridade (...) tanto intrínsecamente e nas suas relações uns com os outros" (Shamir, 2008, 4). Governar dentro desta nova configuração, entendida amplamente num sentido foucaultiano como "gerenciamento de população e coisas" (Foucault, 1979), requer a construção de um conjunto de concepções, novas tecnologias políticas, e aparelhos destinados a funcionar em contextos de rede complexas.

Neste sentido, a recente expansão das redes, em detrimento de mercados e hierarquias e de governança em detrimento do governo não é apenas um balanço pendular de alguma sucessão regular de modos dominantes de formulação de políticas. Ela reflete uma mudança

nas estruturas fundamentais do mundo real e uma mudança correspondente no centro de gravidade em torno do qual o ciclo político movimenta. (Jessop 1998, 32).

Em suma, heterarquias (ver Gráfico 1) consistem em diferentes formas de relações coordenadas: redes inter-pessoais, relações inter-organizacionais e/ou níveis de direção inter-sistêmicas. Como Jessop (2002) indica, os dois primeiros são familiares aos pesquisadores de ciências sociais, como eles também estão presentes nos modos anteriores de coordenação. O terceiro é mais complexo e característico de espaços políticos heterárquicos. Este abrange as tentativas e atividades de indivíduos e organizações de assumir o controle de, ou para orientar, as estruturas de sistemas em que eles não são necessariamente dirigidos, representados, ou envolvidos. Ao trabalhar no contexto e condições em que estes sistemas funcionam, a intenção das atividades heterárquicas é influenciar estrategicamente as agendas de outras pessoas e processos internos de tomada de decisão, evitando a necessidade de tornar-se diretamente envolvidos “cruamente em suas operações.” Isto significa afastar-se das formas prévias de coordenação imperativa de cima para baixo e refere ao que Rose e Miller (1992) identificaram como processos de "governar à distância," que também englobam processos de diálogo contínuo e a criação de alianças entre políticos e outros atores de diferentes áreas.

Diagrama 1



Existe agora uma grande variedade de espaços de governança em diversos campos sociais e políticos dentro de diferentes esferas onde o funcionamento destas novas formas de coordenação pode ser identificado. Algumas delas rapidamente ganharam reconhecimento internacional, especialmente nos círculos políticos, econômicos, e filantrópicos. Por exemplo, em 2008, Bill Gates, presentemente o empresário mais rico do mundo e atualmente chefe executivo da maior filantropia do mundo revelou no Fórum Econômico Mundial, celebrado em Davos, os princípios fundamentais da sua proposta pessoal para tentar “refinar” lógicas capitalistas existente transformando em uma fonte de prosperidade global e universal para todos:

A genialidade do capitalismo reside na sua capacidade de fazer o auto-interesse servir o interesse mais amplo. (...) Mas, para controlar essa energia de modo que beneficie a todos, é preciso aperfeiçoar o sistema. (...) Tal sistema teria uma missão dupla: lucro e também melhoria de vida daqueles que não se beneficiam plenamente das forças do mercado. Para tornar o sistema sustentável, precisamos usar incentivos de lucro sempre que puder. (...) O desafio é criar um sistema em que os incentivos de mercado, incluindo lucro e reconhecimento, conduza a mudança. (Gates em Kinsley 2010, 9-10)

Certamente, por um lado, pode-se afirmar que as ideias de Gates estão profundamente enraizadas dentro dos princípios mais tradicionais e conservadores do capitalismo, e sua ideia de redirecionar o auto-interesse a fim de servir o bem mais amplo, é apenas uma cópia bem conhecida do postulado de Adam Smith que em 1776 declarou: "Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro, ou do padeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração de seus próprios interesses" (Smith 1970, 119). No entanto, por outro lado, sua abordagem difere dos princípios básicos do capitalismo clássico em que as divisões estabelecidas no século 18 e 19, e que permaneceram a maior parte do século 20, entre as esferas públicas e privadas, o econômico e o social, o mercado e o governo, são obscurecidas, para dizer o mínimo, na formulação de Gates. Além disso, neste novo modelo, os atores sociais, políticos, e econômicos têm a intenção de trabalhar em conjunto para desenvolver soluções para os problemas sociais com base na implantação de "forças de mercado." Soluções que tradicionalmente caíram sob os domínios e as responsabilidades do governo agora são partilhadas por um novo conjunto de jogadores e promulgada através dos novos métodos de política que Gates chama de "capitalismo criativo":

Eu gosto de chamar esse novo sistema de capitalismo criativo - uma abordagem em que governos, empresas, e organizações sem fins lucrativos trabalhem juntos para estender o alcance das forças do mercado para que mais pessoas possam lucrar, ou ganhar reconhecimento, fazendo o trabalho que alivia as desigualdades do mundo. (Gates em Kinsley 2010, 10)

O capitalismo criativo estende sensibilidades neoliberais em lugares e espaços onde antes não havia tido acesso. Em essência, trata-se de um novo modelo de governança global, que implica no desenvolvimento de novos "métodos para ações de coordenação entre diferentes forças sociais com diferentes identidades, interesses, e sistemas de significado, sobre diferentes horizontes espaço-temporais, e sobre diferentes domínios de ação" (Jessop 1998, 37). Por um lado, o capitalismo criativo é intencionado a trabalhar tanto "aqui dentro" através da facilitação de possibilidades para a criação de novas subjetividades, e "lá fora" em termos das novas tecnologias de governo dentro e além dos limites de nações que fariam esse novo sujeito possível (Peck e Tickell 2002). Isto reúne o trabalho de organizações locais, regionais, nacionais, e supranacionais das áreas econômica, social, e política juntando os esforços das

organizações capitalistas e não-capitalistas na consecução de um projeto neoliberal compartilhado. Por outro lado, governando dentro deste novo paradigma implica uma redefinição da relação entre os domínios da economia e do social. Isto também envolve a concepção de novas formas de abordar os problemas sociais em que as fronteiras entre governo e estado, públicas e privadas, processos e resultados, riqueza comum e lucro individual, beneficência e benefícios, são feitas cada vez mais indistinguíveis.

Em suma, o capitalismo criativo esboça um cenário onde, como Jessop (1998, 43) retratou, "a mão invisível será combinada com um aperto de mão visível." Este último aspecto tem implicações particularmente importantes sobre o novo papel atribuído ao Estado. Sua organização move em direção às formas menos hierárquicas e menos centralizados e seu papel poderia ser visto como um "criador de mercado" (Ball, 2007), cujas atividades concentram-se principalmente em assegurar o crescimento econômico tanto dentro como fora de suas fronteiras através da facilitação de "condições econômicas e extra-econômicas que atualmente são consideradas vitais para o sucesso na competição com os atores econômicos e espaços localizados em outros estados" (Jessop, 2002, p. 96). Tudo o que situa o estado no cerne do processo de "rearticulação" e "*collibration*" dos diferentes modos de governação que operam através de uma "mistura criteriosa do mercado, hierarquia, e redes para alcançar os melhores resultados possíveis do ponto de vista das pessoas envolvidas na *metagovernance*" (Jessop 2002, 241-242). Segundo o autor, esta nova forma de organização e ordem institucional deve ser entendida como um "conceito guarda-chuva" constituindo o que poderia ser denominado mega-governo, que inclui três outros modos de metacoordenação: metacâmbio, metaorganização e metaheterarquia. Estas formas de regulamentações e as práticas associadas a elas têm implicações diretas para mudanças e interação com as mudanças em cada um dos outros. Existem vários exemplos do funcionamento de tais processos no campo da educação.

A primeira, metacâmbio, "envolve o redesenho reflexivo dos mercados individuais (...) e/ou a reordenação reflexiva das relações entre mercados, modificando seu funcionamento e articulação" (Jessop 2002, 240-241). A introdução de sistemas de escolha da escola, a concorrência tanto entre as famílias e também entre as escolas, novas formas de avaliação, e performatividade são bons exemplos dessas novas formas de coordenação. Essas tecnologias favorecem novas alianças e novas possibilidades para antigos e novos atores reorientarem suas operações e são exemplos de estratégias de coordenação que reorganizam os mercados educacionais (Ball 2007). A este respeito, a promulgação de diferentes políticas de

responsabilização das escolas, a introdução de novas formas de gestão pública e de redefinição e reforço das agências de avaliação institucionais, como Ofsted⁶ no Reino Unido, são tentativas de orientar a mudança interna da organização, estrutura, gestão, e micro-cultura das organizações educacionais (ver Ball 2003). Atualmente, por exemplo, o governo do Reino Unido está estudando a possibilidade de introduzir um novo regime de pagamento permitindo que cada escola na Inglaterra defina o salário dos professores baseado em desempenho, o que seria medido diretamente em termos do resultado *bruto* de seus alunos (House of Commons Education Committee 2012). Toda forma anterior está intimamente ligada com a segunda forma de coordenação, metaorganização, que compreende "o redesenho reflexivo das organizações, a criação de organizações intermediárias, o reordenamento das relações inter-organizacionais, e a gestão de ecologias organizacionais" (Jessop 2002,241). As escolas charter⁷ nos EUA (ver Burch 2009) e do programa renovado *Academies*⁸ na Inglaterra (Gunter 2011), por exemplo, representam soluções políticas que estão reunindo jogadores de diferentes origens (ambas instituições públicas e privadas, tanto com fins lucrativos como sem fins lucrativos, e pessoas físicas) capacitando a dinâmica de concorrência dentro do setor público (Ball e Youdell 2007). Finalmente, metaheterarquia refere-se a "organização das condições de auto-organização, redefinindo a estrutura para heterarquia ou organização reflexiva" (Jessop 2002, 241). A ideia emblemática do governo de coalizão do Reino Unido representa um claro exemplo de tais formas heterárquicas de governança. Poucas semanas depois de sua chegada ao poder em 2010, o primeiro-ministro, David Cameron, que não tendo adquirido a maioria absoluta foi forçado a formar seu governo em coligação com os Democratas Liberais, e apresentou seu novo quadro político sob o nome de *Big Society*. A *Big Society* é baseada em um fortalecimento das comunidades locais, empresas, e participação dos indivíduos nos processos de promulgação política. O plano inicial do governo era dar as "comunidades o direito de concorrer a assumir os serviços estatais locais" (Cabinet Office 2010, 1). Para isso, eles criaram o que foi chamado de Banco Big Society que iria controlar e facilitar "um novo financiamento para grupos de bairro, instituições beneficentes, empresas sociais, e outras organizações não-governamentais" (Cabinet Office 2010, 3). A *Big Society* também implica em um reforço do papel e contribuição de grupos locais, instituições beneficentes, e outros empreendimentos sociais, sem fins lucrativos e com fins lucrativos, nos processos de formulação de políticas locais e nacionais e de responsabilidade política. Nat Wei, co-fundador da *Teach First*⁹ e um contribuinte chave em um número de projetos do *Absolute Return for Kids* da ARK¹⁰ (veja

abaixo), foi nomeado para desenvolver estas ideias. Ele criou a Rede Big Society, que defende uma filosofia similar ao “capitalismo criativo” de Bill Gates. Como afirma no seu portal:

A Rede Big Society existe para apoiar e desenvolver talento, inovação, e espírito empreendedor para causar impacto social. Ao trabalhar com os empresários, filantropos, instituições beneficentes, e empreendimentos sociais, acreditamos que podemos liberar a energia social que existe no Reino Unido para ajudar a construir uma sociedade melhor, mais saudável.

Longe de simplesmente implicar novos planos legislativos reciclados, os programas anteriores estão facilitando a criação de novas formas de conjuntos híbridos e interligados por meio dos quais as instituições filantrópicas (como a Fundação Gates e ARK), fundos de empreendimentos de risco sem fins lucrativos (como *NewSchools Venture Fund*¹¹) e empresas (como *Pearson International*¹² and *Cambridge Education*¹³), unem forças para competir com provedores tradicionais de educação pública e privada. Como exemplo, em conexão com a iniciativa Big Society, o governo britânico criou recentemente o esquema de *Free Schools*¹⁴ na Inglaterra, que representa mais um exemplo dessa nova sensibilidade de governança. A *New Schools Network*¹⁵, uma organização beneficente financiada principalmente pelo Departamento de Educação, foi criada para promover o programa *Free Schools* e incentiva a criação de tais formas de coordenação. Como afirmado em seu portal:

Quanto mais você se conectar, mais forte a oferta de seu grupo se torna. Os grupos escolares gratuitos mais bem sucedidos são aqueles com uma gama diversificada de pessoas físicas, habilidades, e contatos. (...) Grupos de professores, pais, organizações, e instituições beneficentes deve ser permitidos [isto é o que o programa Escolas Livres autoriza] para configurar as escolas com a liberdade de oferecer o que os pais desejam.

Uma característica chave comum a todos os exemplos anteriores, que os conectam com o objetivo deste artigo, é o fato de que a "nova" filantropia é um componente estratégico e ferramenta de alavancagem para a redefinição do que foi referido aqui como Estado. Como sugerido anteriormente, o envolvimento filantrópico tornou-se uma chave e atualmente é corresponsável pela criação, desenvolvimento e expansão de tais novas formas de governamentalidade, tanto em termos de governança e metagovernança. As seguintes seções sugerem que a filantropia contemporânea deve ser entendida e abordada a partir de uma perspectiva alternativa. Tomando as atividades da ARK como ponto de partida, este trabalho tem como objetivo ilustrar a partir deste ponto a existência de novas formas através das quais

grupos filantrópicos, fundações, instituições beneficentes, e outras organizações sem fins lucrativos, modificam ou até mesmo assumem o controle total de espaços na política educativa. Uma série de casos retratado ao longo destas páginas constitui o que poderia ser chamado de governança filantrópica na prática.

Velhos jogadores, regras novas: o papel da "nova" filantropia e a necessidade de uma "nova ordem mundial"

Certamente, a filantropia não é novidade, nem é a primeira vez que nomes importantes das áreas de finanças, negócios, cultura, e entretenimento têm mostrado interesse em se envolver em questões políticas e sociais. Ao longo da segunda metade do século 19 e do primeiro trimestre do século 20, empresários bem-sucedidos e empreendedores, como Andrew Carnegie, John D. Rockefeller, e Edsel Ford nos Estados Unidos, e Joseph Rowntree e Henry Wellcome no Reino Unido, dedicaram quantias substanciais de dinheiro para o desenvolvimento de programas sociais e para apoio a esquemas públicos existentes¹⁶. Motivados por incentivos fiscais, os primeiros filantropos exerceram uma influência sobre a esfera política pública através de suas atividades e desempenharam um papel crucial na promulgação das agendas políticas conservadoras. Eles agiram como "agências de resfriamento" (Arnove 1980a, 1) promovendo "estabilidade e mudança ordenada" em seus países de origem, bem como "estendendo os benefícios" da ciência ocidental, tecnologia, e sistema de valores no exterior" (Arnove 1980a, 5). Esta primeira abordagem à filantropia é conhecido como "filantropia científica" ou filantropia 1.0 e "embora devendo a lógica do imperialismo cultural, foi marcada por um espírito de dever público e profundamente enraizada em um ethos democrático liberal" (Saltman 2010, 64). No entanto, a filantropia contemporânea difere das abordagens originais de doações beneficentes¹⁷, em pelo menos três aspectos principais.

Primeiro: Questões de política: estabelecendo a base para a governança filantrópica

Novos filantropos e suas fundações tem tornado atores políticos fundamentais não somente em atividades de provisão, mas também na concepção, promoção, e negociação de

processos de políticas em todas as áreas e domínios da atividade humana, incluindo a reorganização e promulgação dos serviços públicos, ação cívica, e desenvolvimento comunitário. O racional subjacente de seu programa político e econômico mais amplo compartilhado está intimamente alinhado com a crença neoliberal de que "o bem-estar humano pode ser avançado melhor pela maximização das liberdades empresariais dentro de um quadro institucional caracterizado por direitos de propriedade privada, liberdade individual, mercados livres, e livre comércio"(Harvey, 2007, 22). Neste sentido, como o estudo de Parmar sobre o papel da filantropia em os EUA conclui, "a ideia de que as fundações são 'independentes' do estado deve ser revista" (Parmar 2012, 260). Como Gates tinha feito anteriormente, Howard Schultz (2011), administrador, presidente e diretor executivo da *Starbucks Coffee Company*, também aceitou o desafio e escreveu na Rede HBR Blog:

Como cidadãos corporativos do mundo, é nossa responsabilidade - o nosso dever - servir as comunidades onde fazemos negócios, ajudando a melhorar, por exemplo, a qualidade da educação dos cidadãos, emprego, saúde, segurança, e vida cotidiana em geral, além de perspectivas futuras.

Responsabilidade e dever são dois aspectos fundamentais da nova agência moral trazida pela governamentalidade neoliberal, o que Shamir (2008, 4) define como a "moralização da ação econômica," destacando o fato de que "enquanto obediência tem sido a chave mestra da prática de burocracias de cima para baixo, responsabilidade é a real chave mestre da governança." Responsabilidade aqui é um conceito mais amplo e mais complexo do que o que é comumente entendido como "responsabilidade social corporativa." Na verdade, tornou-se em si mesma, uma fonte de autoridade, "que opera em nível de atores individuais, reconfigurando papéis e identidades (...) de modo a mobilizar atores designados ativamente para empreender e executar tarefas de auto-governo" (Shamir 2008, 8). De acordo com esta lógica, atores de negócios, metamorfoseados em filantropos beneficentes, são moralmente supostos e incentivados a agir fora da esfera da economia, assumindo um papel fundamental na organização das condições de vida de seus coetâneos. Como Ball e Junemann (2012, 32) indicam, isso poderia ser visto como "uma espécie de reabilitação para formas de capital que foram objetos de 'má reputação' na imaginação do público." Ao apresentar-se como agentes socialmente comprometidos, esses filantropos diluem as conexões entre os processos que lhes permitiram acumular as suas fortunas e os problemas sociais que parecem estar dispostos a

enfrentar. Além disso, os promotores deste novo papel da filantropia estão tomando este ponto ainda mais adiante e tem começado a defender "uma nova divisão de trabalho (...) entre governos, empresas, ONGs beneficentes, e filantropos" para resolver "os problemas estagnados do mundo" (Bispo e Green 2010, 12).

Como sugerido na seção anterior, o novo modo de governança heterárquica implica uma concepção da política que deve ser vista como a soma dos esforços coletivos de um conjunto de jogadores que competem e formam alianças numa arena política cada vez mais conectada. Por um lado, o trabalho de tais redes pode ser entendido como uma tentativa de governos de desenvolver "tecnologias para governar à distância" (Rose e Miller, 1992, 173), não precisando necessariamente de gerar nova legislação. Essas tecnologias permitiriam ao governo regulamentar, remotamente e sem a necessidade de intervenção política direta, a conduta de indivíduos e organizações aparentemente autônomos que supostamente "fornecem normas e padrões para suas próprias ambições, julgamentos, e conduta" (Rose e Miller, 1992, 184), que estão em consonância com os interesses do próprio governo. Essas tecnologias políticas "implicam na adoção pela central de uma série de dispositivos que procuram tanto criar uma distância entre as instituições formais do Estado e outros atores sociais, como agir sobre eles de uma maneira diferente" (Rose e Miller 1992, 199), e ao mesmo tempo salvaguardando o governo dos riscos econômicos e políticos e dos custos de envolver-se diretamente na arena. Nesta linha, a ARK atualmente administra 18 Academias na Inglaterra (ver, por exemplo, Gunter, Mata, e Woods 2008, Gunter 2011) e espera aumentar esse número para 25-30 escolas até 2013¹⁸. Ampliando o discurso do atual governo do Reino Unido e em linha com outras organizações internacionais (como o Banco Mundial e o FMI) e dos defensores de políticas neoliberais, a ARK afirma que o aumento da concorrência, a oferta diversificada e autonomia, e maior responsabilidade final e eficiência a partir de uma perspectiva gerencial, aumentará os padrões e qualidade na prestação de serviços públicos, ao mesmo tempo diminui os custos (veja abaixo). Comum a todas as suas iniciativas, a lógica da beneficência defende mudanças fundamentais na forma de governança, onde o Estado é responsável pelo financiamento dos serviços públicos, mas não precisa necessariamente ser responsável pela sua provisão:

O princípio orientador da ARK é que os governos deveriam financiar a educação gratuita para todos, mas não necessariamente provê-la. Acreditamos que a participação de organizações não-estatais é um mecanismo essencial para uma expansão rápida da provisão e

qualidade do ensino secundário estadual. As vantagens da parceria público-privada - como uma maior autonomia para as escolas, uma forte responsabilização, e gestão mais eficiente - significam que as crianças podem aprender habilidades eficazes e relevantes, a um custo menor. O aumento da concorrência também pode ajudar a elevar os padrões nas escolas do governo. Baseado em nossa pesquisa, trabalho em parceria com governos pode ter um grande impacto na oferta de educação na África¹⁹.

Por outro lado, e ironicamente complementando a anterior, pode-se afirmar que filantropia opera na direção oposta, desempenhando um papel central nos processos de negociação política e defesa de políticas em diferentes níveis, conforme o que Rogers (2011) chama de "filantro-legislação." Esta nova função da filantropia tem consequências importantes em termos de novas estruturas e relações entre diferentes esferas sociais e, além disso, na natureza e nos limites entre os atores envolvidos. Neste sentido, é importante ter em mente que "enquanto o aspecto político/estratégico é baseado no poder que é amplamente territorializado e sujeito a influências políticas em vários níveis (nação, região, jurisdição, etc) o aspecto econômico é mais difuso, desafia fronteiras territoriais e é muito mais difícil para nações controlar por mais que possam tentar" (Tikly 2004, 174-175). A organização e *modus operandi* interno da ARK aponta nesta direção e sublinha a capacidade e flexibilidade de sua ação filantrópica para operar em diferentes dimensões e campos dentro da esfera pública, independentemente da localização geográfica:

Originalmente criado por líderes da indústria de investimentos alternativos, nós entregamos altos retornos sociais em nossa filantropia, incentivando o investimento intelectual, financeiro, e político. Nossa sede está no Reino Unido e nosso trabalho centra-se em saúde, educação, e proteção da criança em todo o mundo.²⁰

A partir desta perspectiva, usando becos semelhantes aos empregados no campo de negócios, estes filantropos estão ganhando controle e remodelando processos existentes dentro da arena política, mudando os papéis que jogadores tradicionais têm exercido no passado, ou até mesmo deslocando-os totalmente. Como Ball e Junemann (2012, 32) afirmam: "estrategicamente, a filantropia tem proporcionado um 'cavalo de Tróia' para a modernização de jogadas que abriram a 'porta política' para novos atores e novas ideias e sensibilidades," o que aponta para a segunda característica da nova filantropia.

Segundo: Fazendo o bem/dando-se bem: governança filantrópica Neoliberal

A segunda diferença relaciona-se com a maneira em que as empresas filantrópicas são organizadas. Bishop and Green retratam esses novos filantropos como "*hiperagents*" com "capacidade de fazer algumas coisas essenciais muito melhor do que qualquer outra pessoa" (Bishop and Green 2010, 12). Eles estão dispostos a mobilizar seu capital econômico, cultural, e social, a fim de desempenhar suas agendas beneficentes. Inspirado nos princípios que os fizeram triunfante no campo dos negócios, estes novos filantropos esperam um retorno para sua ação filantrópica. A nova lógica que comanda a natureza e a direção de suas ações tem um alcance diferente e poderia ser resumido pelo já conhecido mantra da empresa social: fazendo o bem enquanto dando-se bem. Enquanto ligados à melhoria das condições de vida das pessoas e comunidades mais pobres, os novos filantropos não renunciam o gerar lucros para si mesmos. Esta nova direção da maneira em que os doadores organizam seus investimentos filantrópicos é conhecido como "Filantro-capitalismo" (Bishop and Green 2010). Como Lawrence Summers (2009, 196) o ex-secretário do Tesouro dos EUA, reconheceu: "É difícil suceder neste mundo. É difícil fazer o bem. Quando ouço a alegação de que uma instituição vai fazer as duas coisas, eu abro minha carteira." Neste ambiente, doações são concebidas como investimentos, incentivando a criação e promoção de empreendimentos com fins lucrativos bem informados direcionados para resolver os problemas sociais. Da mesma forma, enquanto atendida o Forum Mundial de Empreendedorismo Social Skoll 2013, Matthew Bishop, o editor de negócios e chefe de departamento em Nova Iorque da revista *The Economist*, comemorou pelo Twitter a opinião de um dos palestrantes do forum que afirmou que "visões sem indicadores são alucinações." Não participação nesta nova abordagem semelhante a negócio é visto como agindo de forma irresponsável e dissipante, como *Geneva Global*²¹ descreve em seu portal:

Irresponsável e não-colaborativa, a filantropia tradicional não é adequada quando se trata de abordar as questões sociais mais prementes do mundo. (...) Nossos clientes tem uma abordagem de espírito empresarial para solucionar problemas sociais. Eles sabem que filantropia não é sobre simplesmente assinar cheques, é sobre catalisar uma mudança real e positiva. Com foco na obtenção de resultados, eles abraçam inovação e buscam oportunidades de colaboração, co-investimento, e doações agregadas em torno de um objetivo comum.

No nosso caso, a ARK está registrada como uma companhia limitada por garantia, com estatuto beneficente no Reino Unido. Em essência, tais empresas beneficentes têm direito à propriedade e à gerar lucro, enquanto ainda responsável pelas suas próprias dívidas (embora isso se aplica para a beneficência e não seus diretores que, neste caso, devem ser também os administradores, e os seus membros). Tal excedente econômico, gerado a partir dos serviços que prestam, devem ser "reinvestidos" dentro de suas próprias atividades, no entanto, isso não exclui a possibilidade alternativa de usar seus recursos econômicos, a seu próprio critério, para o comércio e compra determinados serviços e bens com outros fornecedores públicos e privados. A estrutura da ARK representa um bom exemplo do caráter ambíguo do novo personagem filantrópico, e também destaca a desfocagem já mencionada entre os domínios de beneficência e lucratividade.

Filantro-capitalismo, portanto, implica uma nova "racionalização econômica do doar" (Saltman 2010, 70), o que implica uma mudança na natureza dos conceitos e ideias que circulam e envolve um conjunto de métodos e soluções particulares que são encorajadas e promulgadas. ARK traz a lógica da prestação de contas, performatividade, e competição em jogo dentro das diferentes áreas (saúde, educação, e serviços sociais) e contextos (que operam em países da África, América, Ásia, e Europa), engajando na redefinição de subjetividades (o que deve ser entendido como sendo professor e sendo aluno) e novas formas de gestão principalmente através da inserção de práticas de negócios e da criação de parcerias público-privadas. Como afirmado pelos líderes empresariais e fundadores da ARK em sua introdução ao Relatório Anual de 2012, o principal objetivo de suas atividades filantrópicas conectadas lê:

Criamos ARK em 2002, convencidos de que os nossos esforços combinados poderiam ter um efeito maior sobre a vida das crianças do que se cada um de nós apoiássemos instituições beneficentes individuais. Queríamos aplicar a mesma medida robusta e responsabilidade à filantropia, como fazemos com empresas, a fim de oferecer programas que transformam a vida das crianças mais desfavorecidas.²²

Filantro-capitalismo e filantro-legislação também têm consequências diretas na definição e reinos da esfera política e mais amplamente o que se poderia entender como sociedade democrática. Como Frunking (2006, 11) sugere, "um dos argumentos mais comuns sobre a função da filantropia centra-se na capacidade dos doadores utilizarem fundos privados

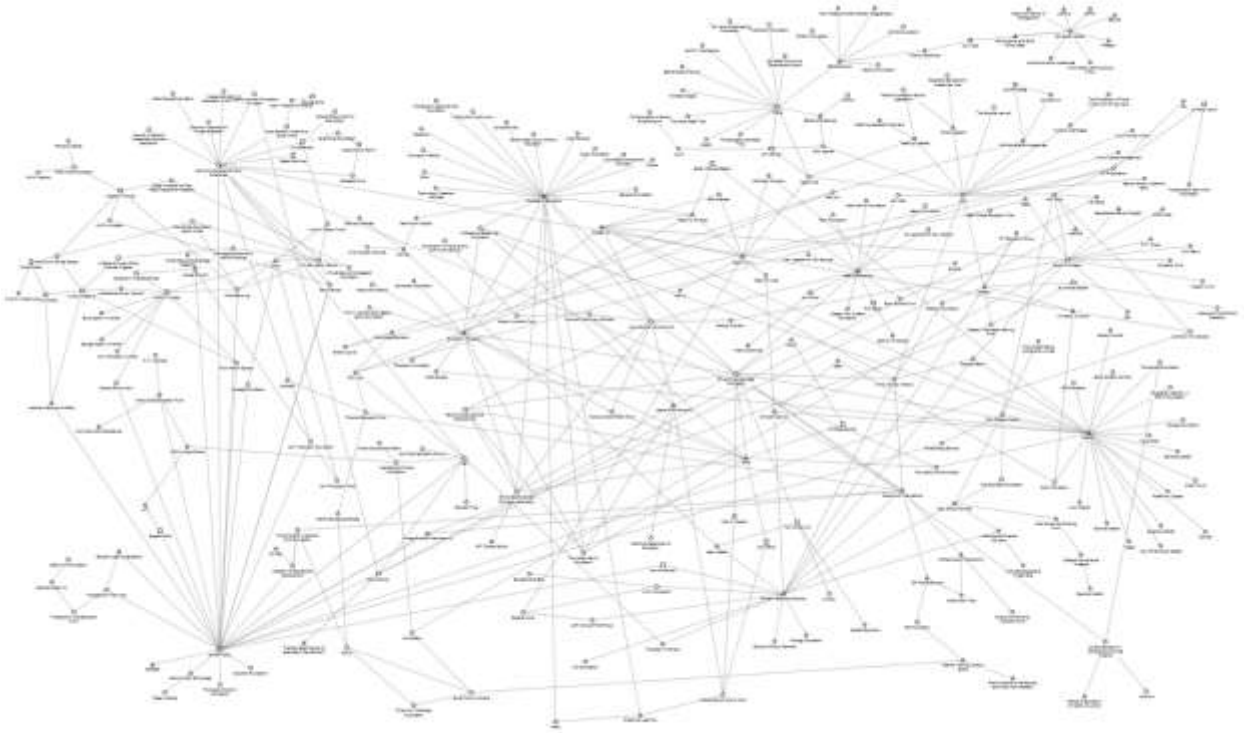
para criar mudanças sociais e políticas" e "projetar seus valores, compromissos, e crenças na esfera pública" (2).

Terceiro: Filantropia “sem fronteiras”: redes internacionais e governança filantrópica

As duas dimensões anteriores de nova filantropia, juntamente com a configuração heterárquica da arena política produz a terceira principal diferença entre as abordagens tradicionais de ação filantrópica e suas interações mais atuais. Essa singularidade final é caracterizada pelas duas “contingências” distintivas do novo modo de governamentalidade anteriormente mencionadas: a “global/conectada” e a “neoliberal.” Como resultado das tendências contemporâneas da globalização econômica e ascendência das corporações multinacionais, as agendas das fundações filantrópicas e suas empresas beneficentes foram correspondentemente globalizadas. Por exemplo, a Fundação Bill e Melinda Gates atualmente concentra suas atividades em torno de quatro programas principais: Programa Estados Unidos, Saúde Global, Desenvolvimento Global e Política e Advocacia Global. Estes programas são projetados e operam de acordo com a lógica dos “grandes desafios” (Brooks et al. 2009). Estas são agendas de desenvolvimento meta-orientado baseadas no princípio de escalabilidade e são aplicadas independentemente de contexto, como soluções genéricas e técnicas (por exemplo parcerias público-privadas, escolas privadas de baixo custo, esquemas de vales, etc). Ao invés de agir de forma isolada, programas grandes desafios trabalham como tecidos conjuntivos ou pontos nodais que reúnem os interesses dos agentes capitalistas de diferentes origens. O resultado é uma rede ou uma série de redes (ver Gráfico 1), que deve ser entendida a partir dessa perspectiva, como as estruturas políticas que “envolvem a institucionalização de crenças, valores, culturas, e formas particulares de comportamento” (Marsh e Smith, 2000, 6).

Gráfico

1



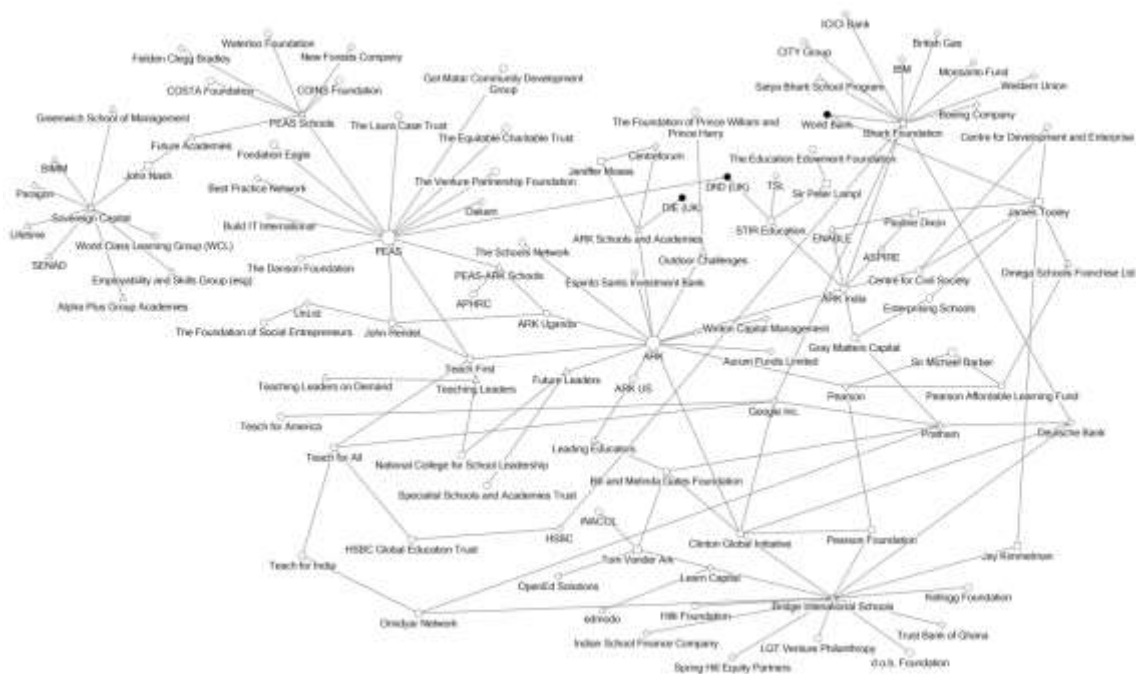
Tais redes de políticas globais configuram um conjunto complexo de relações de dominação, exploração, e poder. Como Parmar (2012, 257) sugere, "a ideia de 'rede' é uma constante," elas "são a prova tangível de como a hegemonia da elite atualmente 'funciona,' como 'poder funciona' em ostensivamente (e, até certo ponto, na verdade) sociedades democráticas 'abertas.'" Estes novos espaços heterárquicas resultam na criação e acumulação do que Urry (2003) chama de "capital de rede," o que "é de fato muito enviesado e, normalmente, induz ressentimento como acontece com as chances e estilo de vida das "elites globais" e os lugares de consumo excessivo que elas geram e ocupam" (Urry 2010, 8). Os contatos e laços variam em intensidade dentro das redes e podem ser gerados de muitas maneiras diferentes. Eles são alimentados por novos meios e tecnologias de comunicação e viagens que facilitam a participação de seus membros nesses círculos globais e permitem a possibilidade de efetivamente viver uma vida de forma conectada, tanto física como virtualmente. Tais espaços de "entrecruzamentos" (Urry 2003), recentemente surgiram em todos os contextos fortemente promovidos e financiados por programas filantrópicos na forma de seminários, simpósios, conferências, cúpulas, etc. Estes espaços são "centrais para

redes" e são destinados a "estabelecer" e "cimentar" pelo menos temporariamente esses laços fracos" (Urry 2003, 161). A Iniciativa Global Clinton (ver Ball e Olmedo 2012) e Skoll World Forum acima referidas representam bons exemplos de tais espaços de “encontro”:

Cada ano, em Oxford, cerca de 1.000 delegados de distintos setores sociais, financeiras, públicas, e privadas reúnem-se em Oxford por três dias e noites de debates críticos, discussões e sessões de trabalho destinadas a inovação, aceleração, e aumento de soluções para os desafios sociais.²³

Nesse sentido, a ARK também representa um bom exemplo de governança filantrópica heterarqúica e seus principais parceiros e financiadores envolvem uma densa rede de instituições de diferentes origens, de governos à fundações, bancos e empresas de investimento internacionais (ver Gráfico 2). Como esta empresa beneficente reconheceu em seu Relatório Anual de 2011²⁴, seu portfólio de despesas/investimentos daquele ano ultrapassou EUA\$134,000,000, dos quais mais de 97 milhões de dólares americanos estavam destinados a financiar programas de educação no Reino Unido, EUA, Índia, e Uganda.

Gráfico 2



Observando de mais de perto algumas das iniciativas da ARK em volta do globo, os três aspectos-chave distintos da nova filantropia podem ser vistos. Na Índia, por exemplo,

ARK está realizando dois projetos: ASPIRE (*Allow Synthetic Phonics to Improve Results in English*²⁵) e ENABLE (*Ensure Access to Better Learning Experiences*²⁶). O primeiro é um método de ensino interativo baseado na fonética do Inglês, que atinge mais de 9,000 crianças, embora ARK espera chegar a mais de 60,000 alunos em 2015. ARK afirma que ASPIRE alcança resultados rápidos e duplica a nota média dos alunos. Este último, ENABLE, nasceu da crença da ARK de que a concorrência entre escolas é um aspecto fundamental para garantir qualidade e resultados. Depois de selecionar 100 escolas do mais de 300 que foram inicialmente avaliadas o programa ofereceu vales escolares para 900 famílias em uma parte carente de Nova Deli.

Nosso programa piloto ENABLE foi concebido para apoiar a política do governo Indiano de todas as crianças terem o direito à educação primária de qualidade a preços acessíveis. Acreditamos que a diversidade de provisões, inclusive por meio de escolas privadas, é fundamental para a realização desta política. O sistema de vales que estamos pilotando permite crianças Indianas pobres exercer seu direito legal à educação gratuita em escolas privadas de baixo custo e ajuda a famílias de baixa renda encontrarem a escola mais adequada²⁷.

Os principais parceiros da ARK na Índia incluem a *Fundação Bharti*, *Gray Matters Capital Foundation* (o braço filantrópico da sede nos EUA da *Gray Ghost Ventures*), o *Centre for Civic Society*, e *STIR Education*. Além destes, o Dr. Pauline Dixon da *E.G. West Centre (University of Newcastle)* está estreitamente envolvido como consultor internacional para ambos os projetos. A *Bharti Foundation*, é o braço filantrópico das empresas do *Bharti Group*. Esta fundação trabalha desenvolvendo projetos educacionais, incluindo uma cadeia de 550 escolas primárias e secundárias (o programa escola Satya Bharti). Seus programas apresentam as características indicadas na seção anterior:

Todos os programas educacionais iniciadas pela Fundação Bharti implicam parcerias com o governo, legisladores, empresas, comunidades locais, e público em geral. Estes programas visam o desenvolvimento integral da criança, tornando-os cidadãos empregáveis com um profundo sentido de compromisso com a sociedade. A intenção é desenvolver um modelo de educação escalável e sustentável que possa ser replicada em larga escala pelo governo, instituições de ensino, e organizações afins.²⁸

O *Centre for Civic Society* é um laboratório de ideias neoliberal Indiano que tem estado particularmente ativo na defesa e campanha para a privatização do ensino público na Índia, incluindo a introdução de programas de escolha das escolas e sistemas de vales (ver Nambissan e Ball 2010). Como afirmado em seu portal:

O *Centre for Civil Society* é uma organização de pesquisa educacional independente e sem fins lucrativos dedicada a melhorar a qualidade de vida para todos os cidadãos da Índia revivendo e revigorando a sociedade civil. Mas não operamos escolas primárias, ou clínicas de saúde, ou programas de coleta de lixo. Nós fazemos de forma diferente: nós tentamos mudar as ideias das pessoas, opiniões, modos de pensar por pesquisas, seminários, e publicações. Nós defendemos o governo limitado, normas jurídicas, comércio livre, e direitos individuais.²⁹

Finalmente, *STIR (Schools and Teachers Innovating for Results³⁰) Education* é uma organização beneficente sem fins lucrativos baseada no Reino Unido. Os parceiros financiadores do STIR são a ARK, o *British Council*³¹ e o *TSL Education*,³² e a fundação é também apoiada financeiramente pelo Departamento Britânico para o Desenvolvimento Internacional. STIR visa melhorar os resultados educacionais de crianças pobres por meio de identificação, testes, e ampliação das inovações á nível de escolas e professores. Sua agenda é definida da seguinte forma:

Dentro de cinco anos STIR visa ter apoiado as micro-inovações de mais de 1,000 STIR Inovadores e Escolas Parceiras em mais de 15 cidades de países em desenvolvimento. Temos também a intenção de criar parcerias com ONGs, governos, e organizações do setor privado para escalar as micro-inovações mais bem-sucedidas, bem como criar uma série de fluxos de renda para a sustentabilidade organizacional. Ao fazer isso, visamos capacitar diretamente entre 3 e 5 milhões de crianças e, indiretamente, influenciar os resultados educacionais de dezenas de milhões mais através do impacto político mais amplo.³³

Em Uganda, ARK e PEAS (*Promoting Equality in African Schools*)³⁴ estão trabalhando para criar uma cadeia de escolas secundárias como parcerias público-privadas com o governo de Uganda. PEAS é uma instituição beneficente baseada no Reino Unido que opera uma rede de escolas particulares de baixo custo em Uganda e Zâmbia. *Teach First*, que faz parte da rede *Teach for All*³⁵ também colabora estreitamente com ARK em diferentes projetos no Reino Unido e Estados Unidos, atualmente fornece espaço de escritórios em sua sede em

Londres para PEAS, e John Rendell, o chefe executivo do PEAS é um ex-aluno da *Teach First* e atualmente é embaixador da *Teach First*.³⁶ O modelo de escola PEAS, rotulado como *SmartAid Schools in Africa*,³⁷ baseia-se no princípio da "auto-sustentabilidade" e cada uma de suas escolas têm como objectivo tornar-se financeiramente independente de qualquer fonte de financiamento externo a partir do momento em que eles são abertos :

PEAS UK angaria fundos para abrir uma escola secundária livre de dívida. Em seguida, uma combinação de subsídios provenientes de parcerias pioneiras público-privadas com os governos de Uganda e Zâmbia, taxas escolares de internatos e fazendas escolas, significa que dentro de dois anos, a própria escola vai gerar receita indefinidamente e suficiente para cobrir seus custos de funcionamento, incluindo salários dos professores.³⁸

Como o chefe de educação internacional da ARK confirmou em uma entrevista, a parceria da PEAS em Uganda foi inspirada em sua experiência na Inglaterra, através do programa *ARK Academies*. O Ministério da Educação da Uganda acolheu a iniciativa e as duas primeiras escolas ARK-PEAS foram lançados em março de 2012. Seu objetivo é abrir mais 10 escolas privadas atingindo mais de 21,500 crianças na próxima década, e para estender progressivamente esse crescimento, incluindo a gestão das escolas dentro do setor público, e expandir para outros países da região, uma vez que o programa atual seja estabelecido em Uganda:

Estaremos defendendo a integração de elementos bem sucedidos do nosso modelo de parceria na principal corrente de política de educação do governo, com a esperança de que o nosso programa estabeleça um modelo diversificado de provisão. Discussões iniciais também foram realizadas com o Ministério da Educação, que também pode levar-nos a operar escolas recém construídas do governo. Esta opção reduziria significativamente a quantidade de dinheiro que seria necessária para investir na construção de escolas, e nos permitiria apoiar o acesso de milhares mais jovens Ugandenses a um ensino médio de alta qualidade.³⁹

Uma análise mais aprofundada do modelo e as soluções promovidas por essas empresas filantrópicas serão abordados em outras publicações, mas, por enquanto, estes exemplos destacam e ajudam-nos a compreender a extensão e ampliação do papel desempenhado por fundações filantrópicas na elaboração e promulgação de políticas públicas e a redefinição do que é entendido como uma política democrática e legislação.

Conclusões

Os programas, iniciativas, empresas, e esquemas apresentados acima são exemplos claros dos fluxos de política e defesa de políticas além e dentro do alcance do Estado. Suas conexões e alianças, agendas e métodos, movimentos transfronteiriços e implementações locais, constituem novos portais da política dentro do que Peck e Tickle (2003, 22) chamam de "geografias emergentes de neoliberalização." O que estamos tratando aqui são novas formas de "neoliberalismo em ação" que é um conjunto de práticas e processos, estruturas e relações, que constituem o que poderia ser entendido como "fazer o neoliberalismo." Ao mesmo tempo, o trabalho dos filantropos e fundações esboçado aqui também representa uma dimensão espacial diferente, que desafia os princípios e andaimos teórico em que a pesquisa política de educação contemporânea é enquadrada. Esta nova ideia reforça as afirmações de Ball para os novos "métodos e sensibilidades que estão em sintonia com o movimento e fluxo ao invés de estrutura e lugar" (Ball 2012, 143) que ajudará e nos permitirá compreender "as formas em que a política está sendo remodelada e reconstituída na mudança de burocracia e hierarquia para redes e heterarquia" (Ball 2012, 138).

Os conceitos e casos descritos neste artigo reforçam a ideia de Tikly de "novo imperialismo," como um "novo regime de governança global" onde "os discursos em torno de educação e desenvolvimento, têm o efeito de tornar populações economicamente úteis e politicamente dóceis em relação aos interesses globais dominantes" (Tikly 2004, 174). No entanto, e apesar de sua aparente novidade, as motivações deste grupo de filantropos e as atividades de seus fundamentos não diferem em essência das antigas formas de "imperialismo cultural" (Arnove 1980b). De fato, o trabalho político realizado pelo conjunto de atores retratados aqui não pode ser dissociado dos quadros sociais, fiscais e econômicos herdados. Como Parmar (2012) coloca:

A relação fundação-estado, portanto, não é uma conspiração - pode ser que seja bastante secretiva e opera "nos bastidores" mas não é um empreendimento criminoso. É, no entanto, fortemente anti-democrático, porque privilegia as pessoas "certas" geralmente aquelas com origens e/ou atitudes sociais "certas."

A partir desta perspectiva, a nova filantropia está contribuindo para a reprodução de desequilíbrios existentes de relações de poder, permitindo que "alguns indivíduos hajam

como seus próprios governos particulares, cujo poder pode ser usado para desafiar o poder do estado e forçá-lo a reexaminar suas prioridades e políticas" (Frumkin 2006, 14). Esta situação torna filantropia "emocionante" para pessoas envolvidos nela, mas ao mesmo tempo, constitui um novo quadro político controverso, e em alguns casos, incoerente. Além disso, existe alegações de que o envolvimento direto desses novos filantropos na esfera política tem implicações na direção de sociedades democráticas e, mais importante, em termos de prestação de contas e controle social. Como Frumkin (2006, 27-28) sugere, "ao contrário do governo, que tem eleições para definir orientações políticas, e ao contrário de empresas, que têm acionistas a quem eles devem ser sensíveis, a filantropia é capaz de operar através das fronteiras do público e privado e fazê-lo com pouca ou nenhuma responsabilização perante seus diversos públicos."

Identificação de continuidades ocultas dentro da aparentemente novidade do atual quadro social, político e econômico é particularmente importante se quisermos imaginar soluções e alternativas para os discursos que circulam nesses fluxos de energia. As críticas já foram feitas e, por exemplo, Michael Edwards (2008, 25), Diretor de Governança e Sociedade Civil na Fundação Ford, ressalta que precisamente "algumas das maiores desigualdades são causadas pela natureza do nosso sistema econômico e a incapacidade da política para mudar isso." E ele continua:

É por isso que uma determinada forma de sociedade civil é vital para a transformação social, e por isso que o mundo precisa de mais influência da sociedade civil sobre o comércio, e não o contrário - maior cooperação e não a competição, mais ação coletiva não o individualismo, e uma maior disposição para trabalhar em conjunto para mudar as estruturas fundamentais que mantêm a maioria das pessoas pobres, para que todos nós possamos viver uma vida mais gratificante. (Edwards 2008, 27)

Uma análise que liga velhas e novas formas de transmissão de privilégios, como as retratadas neste artigo, e novos paradigmas que são capazes de conciliar conceitos aparentemente exclusivos - como lugar e espaço, fixidez e movimento, história e imediatismo, corporificada e virtual, estável e frágil, permitiria vislumbrar alternativas e facilitar novas possibilidades de práticas eficazes de resistência.

¹ Análise de Redes Sociais – algumas definições: Análise de redes sociais é baseada na hipótese da importância das relações entre as unidades que interagem. A perspectiva de rede social engloba teorias, modelos e aplicações que são expressas em termos de conceitos ou processos relacionais. Junto ao crescente interesse e aumento do uso de análise de rede tem chegado

um consenso sobre os princípios centrais subjacentes à perspectiva de rede. Somado à utilização dos conceitos relacionais, notamos como sendo importante o seguinte:

- Atores e suas ações são vistas como interdependentes, em vez de unidades autônomas, independentes
- Laços relacionais (vínculos) entre atores são canais para a transferência ou "fluxo" de recursos (material ou não material)
- Os modelos de rede com foco em indivíduos vêem o ambiente estrutural da rede como oportunidades para ou restrições sobre a ação individual
- Os modelos de rede conceituam estrutura (social, econômica, política e assim por diante) como padrões duradouros de relações entre os atores

A unidade de análise em análise de rede não é o indivíduo, mas uma entidade composta por um conjunto de indivíduos e as ligações entre eles. Métodos de rede se concentram em duplas (dois atores e seus laços), tríades (três atores e seus laços), ou sistemas maiores (subgrupos de indivíduos, ou redes inteiras).

Wasserman, S. e K. Faust, 1994, *Análise de Redes Sociais*. Cambridge: Cambridge University Press.

<http://www.orgnet.com/sna.html>

Análise de redes sociais [SNA] é o mapeamento e medição das relações e fluxos entre pessoas, grupos, organizações, computadores ou outras entidades de processamento de informação / conhecimento. Os nós da rede são as pessoas e os grupos, enquanto os links mostram relações ou fluxos entre os nós. SNA proporciona tanto um visual e uma análise matemática dos sistemas humanos complexos.

<http://agna.gq.nu/UsersGuide.htm>

A análise de redes (ou análise de redes sociais) é um conjunto de métodos matemáticos utilizados em psicologia social, sociologia, etologia e antropologia. A análise de redes assume que a forma como os membros de um grupo podem se comunicar uns com os outros afetam algumas características importantes desse grupo (eficiência na execução de uma tarefa, satisfação moral, liderança). A análise de redes faz uso de ferramentas matemáticas e conceitos que pertencem à teoria dos grafos. Uma rede modela um grupo de comunicação. É constituída por uma série de nodos (cada nó corresponde a um membro do grupo) e um número de extremidades (ou ligações) ÷ estando cada uma delas associada a uma ligação de comunicação entre os dois agentes. Dados de rede é armazenado em uma matriz de adjacência. Comumente, o elemento $[i, j]$ da matriz de adjacência corresponde ao comportamento de comunicação do ator I_i com o ator I_j .

Lin Freeman : http://www.heinz.cmu.edu/project/INSNA/na_inf.html

Análise de redes sociais está focada em descobrir o padrão de interação das pessoas. A análise de redes é baseada na noção intuitiva de que esses padrões são características importantes das vidas dos indivíduos que as revelam. Os analistas de rede acreditam que a maneira como um indivíduo vive depende, em grande parte, de como o indivíduo está ligado à rede de conexões sociais maior. Muitos acreditam, além disso, que o êxito ou o fracasso das sociedades e organizações, muitas vezes depende da padronização de sua estrutura interna. Desde o início, a abordagem de rede para o estudo do comportamento envolveu dois compromissos : (1) ele é guiado por teoria formal organizada em termos matemáticos, e (2) que se baseia na análise sistemática dos dados empíricos. Não foi até a década de 1970, portanto - quando combinatória discretos modernos (especialmente teoria dos grafos) experimentou um rápido desenvolvimento e computadores relativamente potentes tornou-se prontamente disponível - que o estudo das redes sociais realmente começou a decolar como uma especialidade interdisciplinar. Desde então o seu crescimento tem sido rápido. Foi encontrado aplicações importantes em comportamento organizacional,

relações inter- organizacionais, a propagação de doenças contagiosas, de saúde mental, apoio social, a difusão de informações e organização social dos animais.

² ênfase no original

³Microsoft Access e NodeXL (um modelo de código aberto para o Microsoft Excel) foram usadas para criar as bases de dados onde toda a informação foi armazenada e os diagramas de rede foram gerados. Neste caso, os documentos, transcrições e materiais foram analisados usando o software de análise de dados qualitativos QSR NVivo 10.

⁴ Neste caso, os documentos, transcrições e materiais foram analisados usando o software de análise de dados qualitativos QSR NVivo 10

⁵Dunsire, Andrew, 1993, Max-Planck-Institut für Gesellschaftsforschung. Nota da tradutora: *Collibration* como um modo alternativo de intervenção do governo. É amplamente reconhecido que o número de segmentos da vida social nas sociedades industriais avançadas são “auto-regulamentadas” sem a intervenção constante do governo, porque um ator só pode suceder à custa de um ou mais atores, cujos interesses, por conseguinte, residem em manter o primeiro em cheque. Doutrinas economicas de mercado, doutrinas constitucionais de pesos e contrapesos, e as práticas de relações industriais, todos consagram esse entendimento. No entanto, não é tão amplamente apreciada pot que governos freqüentemente alcançam objectivos políticos intervindo em tais processos de auto-equilíbrio, de modo a ajudar um combatente ou a deficiência de outro, e uma vez que este instrumento de política bastante comum não parece ter um nome genérico, o autor chama isso de collibration. Este trabalho dá um grande número de ilustrações desta técnica em uso, nas arenas tradicionais que acabamos de mencionar, e sugere que, na política contemporânea das políticas e problemas de rede, e na cultura mais igualitária que sociedades industriais avançadas podem estar entrando, as vantagens de collibration sobre instrumentos convencionais se tornaram aparente.

⁶ Quem somos: Ofsted é o Instituto de Padrões em educação, serviços, e competências das crianças. Nós reportamos diretamente ao Parlamento e somos independentes e imparciais. Nós inspecionamos e regulamentamos os serviços que cuidam de crianças e jovens, e fornecedores de ensino e habilidades para os alunos de todas as idades.

Toda semana, realizamos centenas de inspeções e visitas de regulamentação em toda a Inglaterra, e publicamos os resultados em nosso portal. Para encontrar um relatório de inspeção, visite a página [Encontre um Relatório de Inspeção](#). Trabalhamos com fornecedores que ainda não são bons para promover a sua melhoria, monitorando seu progresso e compartilhando com eles as melhor práticas que encontramos.

⁷ Uma escola charter pública é uma escola financiada publicamente que normalmente é governado por um grupo ou organização sob um contrato legislativo ou charter com o estado ou jurisdição. O charter (contrato legislativo) isenta a escola de regras e regulamentos estaduais ou locais selecionadas. Em troca de financiamento e autonomia, a escola charter deve cumprir as normas de prestação de contas articuladas em seu estatuto social. O contrato legislativo de uma escola é revisado periodicamente (normalmente cada 3 a 5 anos) pelo grupo ou jurisdição que concedeu o contrato legislativo e pode ser revogado se orientações sobre currículo e gestão não são seguidas ou se as normas não forem cumpridas (EUA Departamento de Educação 2000). <http://nces.ed.gov/fastfacts/display.asp?id=30>

⁸ <http://www.education.gov.uk/schools/leadership/typesofschools/academies>

⁹ Ensine Primeiro

¹⁰ Retorno Absoluto para Crianças

¹¹ <http://www.newschools.org/>

¹² <http://www.pearson.com/about-us/education/international/>

¹³ <http://www.cambridgeeducationgroup.com/>

¹⁴ Escolas livres são novas escolas independentes financiadas pelo estado. Com base na experiência de programas de na Suécia e os EUA, estas escolas permitem que grupos de pais, professores, instituições de caridade ou outras organizações respondam à necessidade de novas escolas nas comunidades - seja para vagas extras, para elevar padrões, ou oferecer escolha.

Atualmente 174 escolas gratuitas estão abertas na Inglaterra, com um outras 116 aprovadas para abrir em 2014 ou 2015. Elas agora estão localizados em todas as regiões do país e, uma vez completas, abertas, e aprovadas todas as Escolas Livres fornecerão 130 mil novas vagas. <http://www.newschoolsnetwork.org/content/free-schools-are-changing-education>

¹⁵ Rede de Escolas Novas <http://www.newschoolsnetwork.org>

¹⁶ Não é minha intenção oferecer aqui uma perspectiva histórica detalhada sobre o papel da filantropia. Para relatos mais detalhados neste sentido ver, por exemplo, Arnove (1980b), Magat (1989), Parmar (2012).

¹⁷ Beneficência e filantropia são usados indistintamente aqui, porém estritamente os dois conceitos têm diferentes implicações tanto no âmbito e direção de suas agendas (uma explicação clara das suas diferenças podem ser encontrados em Frumkin 2006)

¹⁸ <http://www.arkschools.org/schools-development>

¹⁹ <http://www.arkonline.org/education/uganda/our-approach>

²⁰ <http://www.arkonline.org/about-us>

²¹ Geneva Global é uma empresa filantrópica de consultoria especializada na prestação de serviços aconselhamento personalizados para indivíduos, fundações, organizações sem fins lucrativos, e corporações em todo o mundo. Para mais informações consulte: <http://www.genevaglobal.co.uk/overview-about-us>

²² <http://www.arkonline.org/media/59711/ARK%20Annual%20Report%202012%20PDF%20final.pdf>

²³ <https://skollworldforum.org/about/>

²⁴ http://www.arkonline.org/media/35117/ark_annual_review_2011.pdf

²⁵ Permitir Fonética Sintetizada Melhorar Resultados em Inglês

²⁶ Garantir Acesso a Melhores Experiências de Aprendizagem

²⁷ <http://www.arkonline.org/education/india/our-school-access-programme>

²⁸ http://www.bhartifoundation.org/home/About%20us/About%20Bharti%20Foundation/PG_AboutBhartiFoundation

²⁹ <http://www.ccs.in/aboutus.asp>

³⁰ Escolas e Professores Inovando para Resultados

³¹ Conselho Britânico

³² <http://www.tsleducation.com/who-we-are/>

³³ <http://www.stireducation.org/how-stir-works/>

³⁴ Promovendo Igualdade nas Escolas Africanas

³⁵ Ensine Para Todos

³⁶ <http://graduates.teachfirst.org.uk/beyond-two-years/ambassador.html>

³⁷ Escola Ajuda Inteligente África

³⁸ <http://www.peas.org.uk/about-us/sustainability>

³⁹ <http://www.arkonline.org/education/uganda/looking-ahead>